

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

**(In) Subordinações Contemporâneas:
Linguística, Letras e Artes**

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
159	(In) Subordinações contemporâneas [recurso eletrônico] : linguística, letras e artes / Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-608-9 DOI 10.22533/at.ed.089190309 1. 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Gomes, Angela Maria. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Incorporando as discussões e propostas da educação, no que abrange as ciências artísticas e da linguagem, (IN)subordinações Contemporâneas: Linguísticas, Letras e Artes traz em seu discurso reflexões em favor de uma educação voltada para a inclusão social e pelo reconhecimento e valorização da diversidade artística cultural, incluindo a brasileira. Tais reflexões foram embasadas a partir de, entre outras metodologias, levantamentos bibliográficos, estudos de caso, relatos de experiências e análise de obras literárias, de cinema e teatrais. Diretrizes Curriculares e a Base Nacional Comum Curricular também foram referendadas e analisadas.

Na linguagem, começando por com uma visão naturalista a qual defende que a mesma se desenvolveu e evoluiu com o passar do tempo, tal qual outros elementos naturais, formando assim uma ciência da linguagem pautada nas premissas do botânico Charles Darwin, aproximando as ideias naturalistas dos estudos linguísticos. Ainda sobre o tema, encontramos uma visão holística de como o educador pode lançar mão dos conhecimentos fonéticos e fonológicos em seu trabalho constante na sala de aula quando detectado em seus alunos dificuldades na aquisição e desenvolvimento da linguagem. Em análise do processo de produção textual, especificamente da evolução ocorrida entre a primeira e a última versão da produção de artigos de opinião, são aqui analisadas as principais dificuldades que surgem em relação à produção desse gênero do discurso. Investigam-se aqui as possíveis principais dificuldades que o aluno apresenta ao elaborar um texto argumentativo.

No campo das artes, vislumbramos desde estudos sobre danças e músicas regionais, reflexões sobre experiência de trocas e processos criativos para a gravação e posterior performance de trilha sonora autoral, até a proposta de utilização de aparatos tecnológicos como ferramenta educacional que oportuniza a inclusão de discentes sem conhecimento musical prévio e pouco contato com a linguagem musical tradicional. Outro ensaio também descreve os procedimentos utilizados em curso de extensão estruturado para a formação criativo-musical de crianças e discute o estímulo produzido partindo do potencial criativo dos alunos, relacionando domínios artísticos diversos (pintura, vídeo arte, literatura, vídeo game arte, quadrinhos...) e aplicando novas tecnologias para o ensino-aprendizagem de instrumentos de percussão. Ensino de artes e as suas ressonâncias na formação inicial de professores foram observadas sob a luz das Diretrizes e Referenciais Curriculares. Assim, esses são alguns dos questionamentos e desafios aqui colocados e refletidos para o ensino da arte contemporânea.

Outro tema aqui abordado: Inclusão Social, que tem sido alvo de muita propagação no cenário brasileiro desde a década de 1990. No contexto da educação de surdos, este processo é motivo de muitas polêmicas e discussões, uma vez que o Ministério da Educação lança políticas de uma educação para esse público direcionadas ao ensino regular. Já a comunidade surda se mantém em uma posição contrária a

essa, dando ênfase a uma educação específica para surdos, tendo como principal língua de instrução a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Na questão da inclusão, conjuntamente aqui, reflexões sobre o processo de disseminação de saberes sobre as minorias indígenas no cenário educacional brasileiro, um dos problemas que continuam a desafiar as políticas sociais, e a inclusão e aceitação da pessoa com síndrome de Down na sociedade. Os processos de desenvolvimento humano da pessoa com síndrome de Down estarão tanto mais próximos da efetivação dos direitos de cidadania quanto mais sua inclusão e aceitação na sociedade forem garantidas e defendidas.

Com o advento das Novas Tecnologias na Educação Brasileira, o tema não poderia deixar de ser contemplado. É preciso que ocorra a ruptura de padrões outrora estabelecidos, para que a escola e o professor desenvolvam papéis diferentes e a aula deixe apenas o modelo convencional e sejam trabalhadas novas metodologias. Entre outras, neste volume, analisa-se a possibilidade da utilização de aparatos utilizados no pré-cinema como forma de inserir as tecnologias na educação.

Dessa forma, esta coletânea objetiva contribuir de forma significativa para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Linguísticas , Letras e Artes - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional, artístico e científico.

Angela Maria Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ESCOLA NATURALISTA E AS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM: DUELOS E DEBATES	
Daiany Bonácio	
Mariângela Peccioli Galli Joanilho	
DOI 10.22533/at.ed.0891903091	
CAPÍTULO 2	15
A MÚSICA NA ESCOLA: POSSIBILIDADES DE AÇÕES MUSICAIS PARA PROFESSORES NÃO ESPECIALISTAS	
Patrícia Lakchmi Leite Mertzig Gonçalves de Oliveira	
André Luiz Correia Gonçalves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0891903092	
CAPÍTULO 3	31
A POLÊMICA DOS EFEITOS DE SENTIDO DO DISCURSO DA INCLUSÃO EDUCACIONAL PARA ALUNOS SURDOS	
Marcos Roberto dos SANTOS	
DOI 10.22533/at.ed.0891903093	
CAPÍTULO 4	40
A SUBJETIVAÇÃO DOS SUJEITOS INDÍGENAS EM APARATO DIDÁTICO EM CIRCULAÇÃO NO CIBERESPAÇO	
Icléia Caires Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.0891903094	
CAPÍTULO 5	56
AINDA SOBRE A EDUCAÇÃO DO NÃO-ARTISTA: REFLEXÕES SOBRE UMA POSSÍVEL INICIAÇÃO À ARTE CONTEMPORÂNEA POR MEIO DE NÃO-FORMAS E SUA CONCEITUAÇÃO	
Italo Bruno Alves	
DOI 10.22533/at.ed.0891903095	
CAPÍTULO 6	67
ANÁLISE HISTÓRICO-CRÍTICA DOS DISCURSOS SOBRE 'ORIENTAÇÃO SEXUAL' NA BNCC: EXCLUSÃO E (É) PRECONTEITO?	
Luciene de Carvalho Mendes	
Isabela Candeloro Campoi	
DOI 10.22533/at.ed.0891903096	
CAPÍTULO 7	79
ARTE E CULTURA NAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA AS LICENCIATURAS	
Mirian Celeste Martins	
DOI 10.22533/at.ed.0891903097	

CAPÍTULO 8	90
ARTIGO DE OPINIÃO: ESTUDO DE CASO SOBRE ASPECTOS RECORRENTES NO PROCESSO DE PRODUÇÃO TEXTUAL	
Mirian Celeste Martins Thaís Aparecida Burato	
DOI 10.22533/at.ed.0891903098	
CAPÍTULO 9	103
AS IDAS E VOLTAS DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL	
Monica Rodrigues de Farias	
DOI 10.22533/at.ed.0891903099	
CAPÍTULO 10	115
BIOGRAFIA E MÚSICA NO CANDOMBLÉ	
Ferran R. Tamarit	
DOI 10.22533/at.ed.08919030910	
CAPÍTULO 11	126
CENTROS DE AUTOACESSO E AUTONOMIA DOS ALUNOS	
Tamires Miranda de Oliveira Italo Barroso Melo Walkyria Alydia Grahl Passos Magno e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.08919030911	
CAPÍTULO 12	137
COMPOSIÇÃO MUSICAL NO BOI TINGA EM SÃO CAETANO DE ODIVELAS-PA: HISTÓRIA E ANÁLISES MUSICAIS A PARTIR DO TROMPETE EM BB	
Rosinei Gilberto Rodrigues Monteiro Junior Everton Dalton Pereira Marques	
DOI 10.22533/at.ed.08919030912	
CAPÍTULO 13	150
CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS NA PRÁTICA DOCENTE: ALUNOS COM DESVIO DE FALA	
Jeislene Dutra Pouso Jackeline Aguiar Silva Sousa Michelle Fonseca Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.08919030913	
CAPÍTULO 14	162
DANÇAS REGIONAIS & <i>BALLET</i> CLÁSSICO	
Lucienne Ellem Martins Coutinho	
DOI 10.22533/at.ed.08919030914	
CAPÍTULO 15	174
ENSINO MUSICAL, DIVERSIDADE ARTÍSTICA E NOVAS TECNOLOGIAS: POR UMA (IN)ICIAÇÃO PERCUSSIVA (IN)TEGRADA E (IN)SUBORDINADA	
Ronan Gil de Moraes Léia Cássia Pereira da Paixão	

Lucas Fonseca Hipolito de Andrade

DOI 10.22533/at.ed.08919030915

CAPÍTULO 16 186

ENTRE HETEROTOPIA E UTOPIA: DO REGIME DE ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS E DOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO EM *O BALCÃO*, DE JEAN GENET

Nilda Aparecida Barbosa

Roselene de Fátima Coito

DOI 10.22533/at.ed.08919030916

CAPÍTULO 17 199

ESTUDO DA NARRATIVA ROSIANA EM “DÃO-LALALÃO”

Jacqueline de Sousa Miranda

Sílvio Augusto de Oliveira Holanda

DOI 10.22533/at.ed.08919030917

CAPÍTULO 18 214

LETRAMENTOS EM TEMPO DA COMUNICAÇÃO UBÍQUA NAS VOZES DOS GRADUANDOS DE LETRAS NA MODALIDADE À DISTÂNCIA

Albina Pereira de Pinho Silva

Wendell Camilo Deposiano

DOI 10.22533/at.ed.08919030918

CAPÍTULO 19 225

LITERATURA E INTERATIVIDADE NO CIBERESPAÇO: A POÉTICA INTERATIVA DE ZACK MAGIEZI

Camila Santos de Almeida

Daniela Silva Braga

Maryna Garcia Wagner

Larissa Cardoso Beltrão

DOI 10.22533/at.ed.08919030919

CAPÍTULO 20 233

MULHERES NOS ANOS DOURADOS: REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DAS MULHERES, A PARTIR DO CORPO E DO TRABALHO, NA REVISTA JORNAL DAS MOÇAS, DA DÉCADA DE 50

Palmira Heine Alvarez

DOI 10.22533/at.ed.08919030920

CAPÍTULO 21 245

MULHERES SOB O OLHAR DOS ADOLESCENTES: UMA EXPERIÊNCIA COM FOTOGRAFIA E ARTE

Carla Carvalho

Helen Rose Leite Rodrigues de Souza

Rosana Clarice Coelho Wenderlich

DOI 10.22533/at.ed.08919030921

CAPÍTULO 22 258

O PRÉ-CINEMA COMO RECURSO METODOLÓGICO DE INSERÇÃO DAS

TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

Fabiane Costa Rego

Marcus Ramusyo de Almeida Brasil

DOI 10.22533/at.ed.08919030922

CAPÍTULO 23 270

PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO MUSICAL EM BOA VISTA – RR: PROJETO SONS DE MAKUNAIMA NAS SALAS DE AULAS

Marcos Vinícius Ferreira da Silva

Beatriz Taveira de Moura Teixeira

Celso Lima

Leila Adriana Baptaglin

Rosângela Duarte

DOI 10.22533/at.ed.08919030923

CAPÍTULO 24 286

PROCESSOS CRIATIVOS E ARTIVISMOS FEMINISTAS ANTI-RACISTAS E DECOLONIAIS DE ASÈ

Laila Rosa

Iuri Passos

Adeline Seixas

Brenda Silva

Daniela Penna

DOI 10.22533/at.ed.08919030924

CAPÍTULO 25 295

PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A OBESIDADE INFANTIL E GESTÃO BIOPOLÍTICA: CORPO E (IN)SUBORDINAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Michelle Aparecida Pereira Lopes

DOI 10.22533/at.ed.08919030925

CAPÍTULO 26 306

SÍNDROME DE DOWN E DESENVOLVIMENTO HUMANO: UMA ANÁLISE DO FILME “CITY DOWN A HISTÓRIA DE UM DIFERENTE”

Nilsen Aparecida Vieira Marcondes

Maria Aparecida Campos Diniz de Castro

DOI 10.22533/at.ed.08919030926

CAPÍTULO 27 325

SONORIZAÇÃO AO VIVO: O ACASO E A ATITUDE DE TATEAR NA CONSTRUÇÃO SONORA DE A LUTA VIVE

Alexandre Marino Fernandez

Ricardo Tsutomu Matsuzawa

DOI 10.22533/at.ed.08919030927

CAPÍTULO 28 335

TEMPO E MEMÓRIA DE ENVIOS NA OBRA DE ELIDA TESSLER

Isabela Magalhães Bosi

DOI 10.22533/at.ed.08919030928

CAPÍTULO 29	346
--------------------------	------------

TRILHAS - POR ONDE PISAM MEUS PÉS

Andréa Luisa Frazão Silva
Adriana Tobias Silva
Monica Rodrigues de Farias
Marcus Ramusyo de Almeida Brasil

DOI 10.22533/at.ed.08919030929

CAPÍTULO 30	360
--------------------------	------------

VIBROACÚSTICA Y CREATIVIDAD “UNA EXPLORACIÓN EN ARTES A TRAVÉS DE LA EXPERIMENTACIÓN SENSORIAL”

Lucía Noel Viera
Alejandra Escribano

DOI 10.22533/at.ed.08919030930

SOBRE A ORGANIZADORA	364
-----------------------------------	------------

ÍNDICE REMISSIVO	365
-------------------------------	------------

SÍNDROME DE DOWN E DESENVOLVIMENTO HUMANO: UMA ANÁLISE DO FILME “CITY DOWN A HISTÓRIA DE UM DIFERENTE”

Nilsen Aparecida Vieira Marcondes

Universidade de Taubaté (UNITAU), Programa de Pós-Graduação em Educação e Desenvolvimento Humano. Taubaté –SP.

Maria Aparecida Campos Diniz de Castro

Universidade de Taubaté (UNITAU), Programa de Pós-Graduação em Educação e Desenvolvimento Humano. Taubaté –SP.

RESUMO: Muito se tem refletido e escrito sobre a importância da superação dos problemas relacionados à inclusão e aceitação da pessoa com síndrome de Down na sociedade. Retomar estudos sobre o assunto deve estar sempre na ordem do dia, afinal de contas temas como “inclusão”, “aceitação”, “desenvolvimento humano” “pessoas com deficiências” estão sempre a trazer novas indagações passíveis de grandes e contínuas reflexões. Diante disso, objetiva-se analisar e discutir o conteúdo do filme *City Down a história de um diferente*. Em se tratando da metodologia, esta produção textual se apresenta como pesquisa narrativa qualitativa, exploratória e descritiva. Conclui-se que a análise do filme possibilitou uma articulação reflexiva entre a realidade do desenvolvimento humano da pessoa com síndrome de Down com sua inserção nos mais diversos ambientes. Verificou-se também no filme que as relações estabelecidas dentro e

fora do ambiente familiar foram mais inclusivas e promotoras de desenvolvimento humano quanto menor o grau de preconceito existente nos ambientes transitados pelos atores. Como se sabe o desenvolvimento humano da pessoa com síndrome de Down, assim como de qualquer outra pessoa, ocorre no contexto individual, familiar, profissional, comunitário e social e o referido filme evidencia bem isso ao retratar o tempo todo as relações que se estabelecem entre os personagens nestes ambientes. Portanto, os processos de desenvolvimento humano da pessoa com síndrome de Down estarão tanto mais próximos da efetivação dos direitos de cidadania quanto mais sua inclusão e aceitação na sociedade forem garantidas e defendidas.

PALAVRAS-CHAVE: Síndrome de Down. Desenvolvimento Humano. Análise de Filme.

DOWN'S SYNDROME AND HUMAN DEVELOPMENT: AN ANALYSIS OF THE FILM “CITY DOWN A HISTÓRIA DE UM DIFERENTE”

ABSTRACT: Much has been reflected and written about the importance of overcoming the problems related to the inclusion and acceptance of the person with Down syndrome in society. Resuming studies on the subject must always be on the agenda, after all topics such as "inclusion", "acceptance", "human

development", "people with disabilities" are always bringing new inquiries that can be large and continuous reflections. Faced with this, aims to analyze and discuss the content of the film *City Down* the story of a different. In terms of methodology, this textual production presents itself as a qualitative, exploratory and descriptive narrative research. It is concluded that the analysis of the film made possible a reflexive articulation between the reality of the human development of the person with Down syndrome and its insertion in the most diverse environments. It was also verified in the film that the relationships established inside and outside the family environment were more inclusive and promoting human development, the less the degree of prejudice in the environments transited by the actors. As we know the human development of the person with Down syndrome, as well as of any other person, occurs in the individual, familiar, professional, community and social context and this film evidences this well when portraying all the relations that establish between the the characters in these environments. Therefore, the human development processes of the person with Down syndrome will be so much closer to the realization of citizenship rights that the more their inclusion and acceptance in society will be guaranteed and defended.

KEYWORDS: Down's Syndrome. Human development. Analysis of the Film.

1 | INTRODUÇÃO

Tendo como tema “Pessoas com Síndrome de *Down* e Desenvolvimento Humano” interessa nesta produção textual tratar sobre a importância da superação dos problemas relacionados à inclusão e aceitação da pessoa com síndrome de *Down* na sociedade.

Diante da indagação: “O filme *City Down* a história de um diferente contribui para a percepção de que ambientes livres de preconceitos são capazes de promover o desenvolvimento humano da pessoa com deficiência?”, buscou-se demonstrar neste artigo que retomar estudos sobre o assunto deve estar sempre na ordem do dia, afinal de contas temas como “inclusão”, “aceitação”, “desenvolvimento humano”, “pessoas com deficiências” estão sempre a trazer novas indagações passíveis de grandes e contínuas reflexões.

Os objetivos deste estudo pautam-se na análise e discussão do filme *City Down* a história de um diferente e justifica-se a importância do debate em torno deste tema na ambiência acadêmica porque se considera que a retomada contínua dos estudos sobre pessoas com síndrome de *Down* e desenvolvimento humano é muito relevante tendo em vista que a convivência com as diferentes realidades socioculturais urge como necessidade no processo de desenvolvimento humano em qualquer período histórico da humanidade. Justifica-se também a relevância desse estudo, quando comparado com trabalhos sobre o mesmo tema, pelo fato do mesmo privilegiar, por meio da pesquisa narrativa uma abordagem de filme sobre o tema Síndrome de *Down*. E ainda, um diferencial: trata-se de filme em que 99% de seu elenco é composto por

atores com síndrome de *Down* – o único ator que não tem síndrome é o personagem Fábio (protagonista principal).

No decorrer da história da humanidade, distintas foram as atitudes assumidas e incorporadas pela sociedade em relação aos grupos minoritários, dentre eles pode-se destacar os das pessoas com deficiência nas suas mais diversas necessidades e especificidades. Como exemplo de deficiências, pode-se citar a deficiência mental (síndrome de *Down*, síndrome de Angelman, síndrome de Tourette, síndrome de Asperger, Autismo, dentre outros); a deficiência auditiva; a deficiência visual; a deficiência na linguagem; a deficiência múltipla – deficiência mental associada a outra(s) deficiência(s) como auditiva, visual, enfim; a deficiência motora (lesão medular); e a deficiência física (alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo - paraplegia, paralisia cerebral, membros com deformidade, dentre outros (SALGADO; SANTOS, 2015).

Práticas excludentes ocorreram intermitentemente na vida deste segmento da população, dentre elas destacam-se a segregação social – em que tais pessoas eram excluídas do convívio em sociedade e deixadas isoladas ou às vezes até eliminadas por ser alvo de temor ou medo por parte do restante da população; cita-se também a prática excludente no âmbito educacional que muitas vezes na contemporaneidade e em algumas localidades ainda existem – situação na qual se restringe o indivíduo do acesso à sua formação cognitiva e intelectual. Enfim, o fato da pessoa com deficiência se tornar motivo de profunda abominação por parte de outra ou de um grupo, trazia e traz como consequência sua exclusão ou eliminação a depender da cultura do povo. Entretanto, nos dias atuais, a palavra de ordem a ganhar destaque é a inclusão social de todos. A inclusão em todos os setores da sociedade é apreendida e defendida no âmbito dos direitos humanos e da justiça social (SALGADO; SANTOS, 2015).

A síndrome de *Down* é uma alteração genética produzida pela presença de um cromossomo a mais, o par 21, por isso também denominada de comotrisomia 21 (CASTRO; PIMENTEL, 2009). A síndrome foi descrita em 1866 por *John Langdon Down*. Esta alteração genética afeta o desenvolvimento da pessoa e se reflete em algumas características físicas e cognitivas (COMIN; COSTA, 2012). A maioria dos indivíduos com síndrome de *Down* apresenta um cromossomo extra em todas as células do seu organismo, devido a um erro na separação dos cromossomos 21 em uma das células dos pais. A este fenômeno dá-se o nome de disfunção cromossômica (MOREIRA et al, 2000).

Não se sabe exatamente quais são os mecanismos que levam a síndrome de *Down*, mas a literatura evidencia uma ocorrência da condição equivalente entre diferentes etnias, não correlacionada com o nível cultural, social, ambiental e econômico (CASTRO; PIMENTEL, 2009). Não obstante as alterações cromossômicas da síndrome de *Down* sejam semelhantes a todas as pessoas, nem todas apresentam as mesmas características, as mesmas características físicas ou as malformações (COMIN; COSTA, 2012). A única realidade comum a todos os indivíduos é o déficit

intelectual. E não se pode falar em existência de graus de síndrome de *Down*. A diversidade das características e das personalidades entre os indivíduos é a mesma que existe entre aqueles seres humanos que não possuem a síndrome (MOREIRA et al, 2000).

Este estudo classifica-se como pesquisa narrativa na modalidade qualitativa com abordagem de filme que trata do tema Síndrome de *Down* e Desenvolvimento Humano. A metodologia qualitativa de pesquisa permite que o pesquisador partindo dos significados que determinada realidade ou fato e neste caso específico, partindo-se da análise das cenas de um filme, se possa elaborar analogias, expressar sentimentos, tecer considerações e construir conhecimentos sem que haja expressiva preocupação com a quantidade dos fatos a serem levantados ou cenas do filme a serem observadas e refletidas (MARTINELLI, 2003; MINAYO et al., 2010; SILVA; MENEZES, 2005).

A pesquisa qualitativa concebe o dinamismo existente no processo relacional estabelecido entre a pessoa e a realidade concreta, ou seja, uma junção imanente entre a realidade objetiva e subjetiva da pessoa, junção esta não passível de ser expressa em números. A compreensão interpretativa dos fatos e a atribuição de sentidos são essenciais no decurso da pesquisa qualitativa. A aplicação de métodos e técnicas estatísticas é dispensável e se apresenta como descritiva. A ambiência natural se configura como princípio básico para recolhimento de informações e o pesquisador como o elemento medular neste processo. Os investigadores que fazem uso desta técnica de coleta de dados são propensos a realizar análises dos fatos de forma indutiva. O desenvolvimento do processo e sua interpretação se apresentam como alvo central da abordagem (MORESI, 2003).

Do ponto de vista dos objetivos este estudo caracteriza-se como exploratório e descritivo. É considerado como exploratório porque foi construído sobre um levantamento bibliográfico acrescido do registro das impressões das próprias autoras deste artigo ao assistir ao filme “*City Down* a história de um diferente”. E caracteriza-se também como descritivo porque o interesse maior centrou-se na observação das cenas do filme, registro e análise dos processos interativos ocorridos entre os personagens e suas relações com o processo de desenvolvimento humano.

2 | DESENVOLVIMENTO

2.1 Uma mistura de documentário e drama

Entre uma mistura de documentário e drama, o filme possibilita a apreensão do mundo com outros olhos. No ano de 2011 os cineastas responsáveis pela direção e roteiro, José Mattos e Paulo Cesar Nogueira, lançaram para apreciação do público um filme que trata diretamente da questão da síndrome de down. A decisão de compor o elenco com 99% de atores com síndrome de down, além de agradar a todos os

expectadores, torna o filme surpreendente, original e real. O único ator que não tem síndrome é o personagem Fábio (protagonista principal).

Segundo os cineastas responsáveis, o projeto é único no mundo e aquilo que se considera como a máxima no filme é o fato do telespectador conseguir apreender o mundo com os olhos de uma pessoa com síndrome de down o que contribuiu para uma efetiva mudança de mentalidade e atitude face ao problema do preconceito que ainda existe na sociedade brasileira. A produtora do longa, cuja duração é de 01h31', a Winny Filmes, com o apoio da Associação Pelotense do Cinema se valeu da apresentação de uma sequência de fatos normais do dia a dia os quais ocorrem em tempo real para introduzir neles os respectivos atores com síndrome de down. Feliz e muito oportuna foi também a escolha da trilha sonora "Magnífica Criação" da Banda City Down do Distrito Federal. O enredo musical igualmente contribuiu muito para o desenrolar das cenas.

2.2 A trama

A trama ocorre na cidade de Pelotas/RS, os fatos se iniciam a partir de uma data específica: são 11h45' do dia 10 de março de 1972. Na cozinha duas mulheres adultas realizam os trabalhos domésticos normais: uma se detém com as panelas no fogão e outra lava louças na pia da cozinha. Uma menina chega na casa e se dirige à cozinha, onde já se encontram as outras duas mulheres. Ela pega uma jarra de suco na geladeira, um copo na pia e toma a bebida. Em seguida permanece imóvel, olha para a mulher que se encontra diante do fogão a chama de mãe e lhe diz entre os dentes quase sussurrando "estou namorando". A mãe fixa o olhar na menina e com semblante de indignação e voz forte pergunta: "o que?" A seguir chama a menina pelo nome de Paulinha e começa a questionar o fato argumentando que ela não tem idade para namorar. A menina começa a discutir com a mãe afirmando já ter 11 anos e em seguida deixa a cozinha onde a mãe permanece a altos brados reforçando sua indignação diante da notícia recebida. Da mesma forma a menina continua respondendo à mãe, e saindo da cozinha se dirige até seu quarto, batendo com agressividade a porta fechando-a. Em seguida a mãe se dirige até o quarto da menina e batendo na porta insiste para que ela a abra. Inicia-se novamente uma discussão entre mãe e filha.

Na cena seguinte visualiza-se um homem adulto em uma sala diante de um computador quando um outro se aproxima o chama pelo nome de João e o cumprimenta pelo fato de ser o mais novo pai naquele ambiente, e depois começa a falar-lhe do quanto é difícil educar os filhos. Na sequência, a cena apresenta João entrando em sua residência. Após, dirigindo-se até a sala de jantar cumprimenta com um beijo uma mulher que o chama de marido a qual se encontra diante de um computador portátil. A seguir João senta-se na sala de televisão e começa a assistir uma partida de futebol, quando outra mulher adulta chega com uma bandeja com sucos para servir a ele e sua esposa. Durante o período em que João permanece a olhar para as imagens

da televisão e sua esposa digita algo na tela do computador. A troca de olhares afetuosos entre ambos é constante. Após ela se dirigir até ele e juntos acariciam a barriga da mulher dando a entender que ela se encontrava grávida. A seguir João se desvia da mulher para retomar seu olhar à televisão e continua assistindo sua partida de futebol. A mulher deixa a sala e se dirige à cozinha onde encontra outra mulher adulta aparentando ser sua ajudante do lar e começa a manusear as panelas que se encontram no fogão. Enquanto isso, seu companheiro permanece na sala muito atento a programação da televisão. Após João se dirigir até a cozinha para pegar algo na geladeira e neste momento sua mulher lhe comunica que o filho Otávio ainda não havia voltado do colégio e que a filha Paulinha se encontrava trancada no quarto com outras duas amigas. João reclama então do barulho que está vindo do quarto de Paulinha e a esposa retruca afirmando que quando se unem estas meninas são irrepreensíveis. A seguir João afirma que irá banhar-se quando sua esposa lhe dá a notícia de que a filha deles, a Paulinha, está namorando. O fato o deixou também indignado.

Em outra cena, o casal encontra-se na sala de jantar quando a auxiliar do lar chega para servi-los. O assunto da conversa permanece a notícia do namoro de Paulinha e o pai da menina reforça discordar plenamente. A mãe confirma com ele a decisão, mas afirma não ter conseguido convencê-la de que sua idade ainda não é favorável para iniciação de relacionamentos de namoro. Enquanto conversam, barulhos de música em alto volume são ouvidos pelo casal vindos do quarto da menina. A mãe indignada se levanta, segue em direção ao quarto de Paulinha e começa a bater com insistência na porta, enquanto a filha se recusa a abri-la.

A próxima cena retrata o casal no quarto preparando-se para dormir e neste momento retomam a conversa sobre as dificuldades ocorridas durante o dia. A cena que continua mostra que é madrugada e o telefone toca no quarto do casal. João acorda e atende. A informação recebida é a de que seu filho Otávio está preso por envolvimento com drogas. O casal se desespera. A seguir João vai até o local para retirá-lo. A justificativa do filho Otávio era a de que apenas acompanhava um amigo de apelido “Vilão”. A cena seguinte se passa na sala de estar da família onde João, a esposa e o casal de filhos (Paulinha e Otávio) se encontram. João repreende severamente Otávio o qual diz estar arrependido e promete não andar mais na companhia do amigo “Vilão”.

Na sequência a cena apresenta um jovem encostado num muro, seu apelido é “Vilão”. Ele se mantém atento às pessoas que passam pela rua: olhando de um lado para outro aparenta estar à espera de alguém. De repente outro jovem de sua idade se aproxima, é Otávio. “Vilão” que o aguardava reclama da demora de Otávio e juntos seguem em direção a um lugar deserto onde encontram uma construção quase demolida e abandonada. No interior daquele local um terceiro jovem os aguardava. Sentado sobre uma sucata de automóvel este jovem chama por Otávio e “Vilão” e entrega-lhe vários pacotinhos. Em seguida se despedem e saem daquele local.

Em outra cena visualiza-se Otávio em seu quarto diante do computador. Seu celular toca, é seu amigo “Vilão” chamando-o para sair. Sua resposta a princípio é negativa por ser noite e por seu pai estar em casa, demonstrando claro temor diante das represálias que poderia receber caso saísse de casa naquela hora. Entretanto, diante da insistência do amigo resolve sair. Otávio encontra-se agora num local sombrio e escuro onde vários jovens se encontram: alguns brigam entre si, outros usam drogas injetáveis, outros fumam em cachimbos e outros se encontram aos beijos e carícias. Após procurar por algum tempo, encontra “Vilão” caído em estado de grande sonolência e a seguir o ajuda a sair daquele local.

Depois dos fatos apresentados nestas cenas iniciais, o filme informa terem se passado 08 meses. A próxima cena retrata a esposa de João visivelmente grávida se dirigindo para uma clínica médica na companhia da filha Paulinha. A seguir, mãe e filha encontram-se num consultório de uma jovem médica pediatra. Esta lhe faz diversas perguntas, bem como lhe repassa algumas informações e lhe dá conselhos. Por fim a pediatra lhe informa que diante dos exames realizados anteriormente, estão confirmados os fatos de que a criança é do sexo masculino e que apresenta uma alteração genética, mas que isso não o impedirá de viver uma vida normal. Neste instante a mãe fica alterada e afirma que seu marido João não aceitará a criança. Preocupada e temerosa a mãe não consegue permanecer em paz mesmo diante das observações positivas da pediatra. A mãe neste momento indaga a pediatra sobre as várias possibilidades de aborto e justifica o fato também em decorrência de já ter um filho e que este se encontra envolvido com drogas. A médica, por outro lado, mantém sua postura de conciliação entre a mãe e o filho que está sendo gerado naquele momento.

A cena que continua aponta para uma praça pública repleta de pessoas, monumentos e pequenos bancos espalhados sob a sombra das árvores. No local, várias pessoas transitam: umas sozinhas, outras acompanhadas, outras uniformizadas mostrando trabalhar no local ou nas proximidades. Outras pessoas conversam sentadas nos bancos. São pessoas de todos os tipos e idades: crianças, jovens, adultos e idosos, alguns demonstram ser amigos, outros casais de namorado, outros pais com crianças de colo. Enfim, neste aglomerado de pessoas evidencia-se também a presença de João e de sua esposa. Eles conversam sobre o filho que está sendo gerado. Ao encontrar um casal com uma criança recém-nascida João e sua esposa afirmam desejar muito que a criança deles nascesse sem nenhuma alteração genética. Porém, não foi esse o diagnóstico recebido por parte da pediatra e se ressentem muito pelo fato.

Passados alguns momentos de caminhada nesta praça, o casal encontra-se com a pediatra que está acompanhando a gestação do filho deles. Novamente a médica reforça os aspectos positivos da gestação e se despede do casal. Apesar da fala positiva dela, o casal começa novamente angustiar-se e a discutir sobre o despreparo que sentem enquanto pais no que diz respeito a ter que assumir e educar

um filho com alteração genética. E segue-se um profundo silêncio entre o casal.

A cena seguinte está datada de 11 de outubro de 1972 são 19h. João encontra-se no escritório onde trabalha e conversa com um amigo no local. O telefone toca, é sua esposa informando que estava entrado em trabalho de parto e que o esperava em casa para acompanhá-la até a maternidade e João deixa imediatamente seu trabalho. A cena seguinte mostra sua esposa numa maca sendo levada ao centro cirúrgico. Na recepção da Maternidade uma jovem funcionária trabalha. João, sua sogra e sua filha Paulinha aguardam pelo nascimento. Enquanto espera, João se vê envolvido pelas lembranças das discussões realizadas com a esposa durante todo o período da gestação. O motivo das discussões era sempre o mesmo: a não aceitação do filho.

A outra cena se passa no interior do centro cirúrgico. No local, médicos e paramédicos realizam todos os procedimentos para retirada da criança por meio da cirurgia de cesariana. A atenção e preocupação se fazem sentir nos olhares e comportamentos de todos os profissionais que ali se encontram. Até mesmo a mãe encontra-se atordoada naquele momento do parto por recordações das conversas estabelecidas com a pediatra em tempos pretéritos. Momentos estes em que foi informada sobre a alteração genética de seu filho.

A próxima cena registra a pediatra levando a criança para a recepção da Maternidade onde a família se encontra. Neste momento Paulinha, João e a sogra de João ao olhar para o recém-nascido fazem um gesto de repulsa, evitam pegá-la no colo e desviam rapidamente seus olhares da criança. A seguir, abraçam-se entre si, demonstrando profunda tristeza em seus semblantes e afastam-se do recém-nascido. Diante deste comportamento dos familiares, a pediatra retorna com a criança para levá-la ao berçário.

A cena que continua é datada de 24 de setembro de 1975 são 17h30. João, a esposa e o filho caçula de nome Fábio passeiam de mãos dadas numa praça pública. Interessante se notar que até aqui todos os atores protagonistas do filme em todos os ambientes eram portadores de síndrome de down. Somente agora este menino que protagoniza o personagem Fábio não possui a síndrome. Trata-se do único ator “diferente” no elenco reforçando a clara intenção de demonstração de inversão de papéis, objetivo dos cineastas responsáveis pela direção e roteiro do filme.

Na cena seguinte evidencia-se a mãe levando Fábio para uma escola de educação infantil. Passados alguns dias na escola convivendo com outras crianças a mãe é chamada para ser informada de que seu filho não poderia permanecer naquele local porque era “diferente” das outras crianças. Esta situação lhe traz grandes revoltas. A mãe de Fábio assume um comportamento extremamente agressivo tanto verbal quanto físico ao tomar consciência de que seu filho está sendo vítima de preconceitos naquele ambiente educacional. Insultos contra a decisão da professora e murros nos mobiliários existentes na sala onde se encontram são as formas utilizadas pela mãe de Fábio para demonstrar sua indignação.

Na sequência a cena apresenta a mãe numa praça com Fábio. O menino aparece nas imagens sempre brincando sozinho sob o olhar atento de sua mãe. Em nenhum momento se percebe sua interação com outras crianças. As pessoas que passam na praça olham para a mãe e para Fábio com desdém, inclusive pessoas de seu círculo de amizade. João, seu marido, aparece na cena neste momento e sua esposa lhe confia a tristeza que sente diante das falas e olhares das pessoas ao encontrar-se com ela e com seu filho Fábio. Ambos os cônjuges reforçam em suas falas o quanto é difícil e triste ter que conviver com falas e comportamentos preconceituosos das pessoas ao redor, inclusive de amigos. O único apoio que recebem para superação dos preconceitos é o auxílio mútuo de ambos. Entretanto, mesmo entre eles as brigas são constantes devido dificuldades na aceitação da situação de anomalia genética do filho.

A outra cena está datada de 19 de outubro de 1975, são 23h45'. A família coloca as malas no carro e segue em viagem, a impressão que se tem é que os membros familiares estão se mudando de residência. Após, a cena informa a data de 10 de fevereiro de 1982 são 14h. Fábio encontra-se sozinho na sala de estar diante da televisão. Ele brinca com seus brinquedos. Em seguida sua mãe chega e lhe faz companhia. A próxima cena mostra o menino brincando com seu pai num campo improvisado de futebol. Sua interação com outras crianças de sua idade em nenhum momento foi registrada, mas somente com o pai e a mãe sempre. E isso, tanto nos ambientes externos quanto internos. Eventualmente, o pai ainda apresenta um ou outro comportamento preconceituoso, e nestes momentos a mãe redobra seus cuidados e atenção para com o menino levando-o para longe do pai.

A cena que continua aponta o dia 10 de outubro de 1982. É aniversário de Fábio e a família encontra-se reunida num restaurante. Todos conversam entre si, menos Fábio, o qual permanece em silêncio e cabisbaixo. Nesta interação familiar surge como assunto a dependência química do filho mais velho do casal: Otávio. O jovem que ainda permanece na companhia de amigos dependentes é o motivo central das discussões que se iniciam. Como desfecho da conversa e solução do problema, os pais decidem por levá-lo e deixá-lo na casa de um tio em outra cidade, como forma de afastá-lo do envolvimento com drogas e com os amigos toxicodependentes.

A cena seguinte registra terem se passados 15 dias. A família chega de carro no aeroporto onde embarcam o filho Otávio. Seu amigo "Vilão" que também estava no aeroporto, escondido o observa de longe. A família num misto de dor e ressentimentos fica no saguão a ver a decolagem do avião onde se encontra Otávio.

Na sequência a cena se passa em 02 de abril de 1992 são 16h15. Fábio aparece como um jovem adulto. Ele está na praça tirando fotografias de um jovem sentado num banco tocando violão. Após inúmeras fotos em posições diferentes, Fábio senta-se ao lado do rapaz e o chama de Max. A seguir começa a confidenciar-lhe que os sonhos que sempre teve continuam ocorrendo. Fábio afirma para Max que são sonhos em que alguém o está matando. O amigo Max então o aconselha a procurar

por um médico, mas Fábio retruca e afirma que não quer, pois teme que possa ouvir dos médicos de que ele é louco ou um “anormal”. O amigo para confortá-lo tece vários elogios, afirmando que Fábio é alguém especial, amigo e companheiro. Fábio responde dizendo que queria ser uma estrela e não um ser humano para ficar lá em cima no céu a olhar para todas as pessoas da terra como se fossem pequeninas formigas.

A outra cena evidencia Fábio sozinho em seu quarto, deitado em sua cama, com os olhos parados a fixar o teto e em silêncio. Neste momento, começa a lembrar-se de sua infância solitária e sem amigos. Nas lembranças, ele está correndo pelo interior de uma praça atrás de pequenos pombinhos. Enquanto relembra estes fatos, rola de um lado para outro em sua cama e seu semblante é de visível mal estar. O dia amanhece e a próxima cena retrata Fábio novamente sozinho desta vez andando pelas calçadas da cidade onde mora. Ao atravessar uma rua entra numa loja de ração e de pequenos animais domésticos expostos para venda. Após, deixa esta loja com uma pequena caixa preta de papelão amarrada. Na saída permanece imóvel para acariciar alguns pássaros na gaiola. A seguir entra por um grande corredor da escola onde estuda com a caixa nas mãos em direção a sua sala de aula. Ao entrar os alunos que lá estavam começam a caçoar dele fazendo piadas, rindo e jogando-lhe pequenas bolas amassadas de papel. Ele sem reação permanece parado a olhar os colegas de sala. Depois abre a caixa que segura em suas mãos e solta o pombinho que começa a sobrevoar pelo interior da sala.

Na continuação das cenas tem-se Fábio entrando em seu quarto onde se senta diante do computador e fica a olhar para a tela vazia. De repente volta-se para o chão e mata uma barata. Neste momento chega sua mãe e o cobre de carinhos. Ele ao vê-la diz sentir-se como uma barata. E reforça sua fala afirmando sentir-se repugnante como um inseto. A mãe retruca dizendo ser ele muito inteligente. Fábio continua e afirma que de nada adianta ser inteligente quando por onde se passa é motivo de risos, chacotas e zombarias por parte de todas as pessoas.

A cena seguinte apresenta Fábio sozinho na praça, e mais uma vez tirando fotografias. Neste momento chega seu amigo Max indagando porque Fábio não dá notícias há tanto tempo. Nas conversas seguintes Fábio diz estar muito triste com os colegas de sala de aula, os quais o despreza diariamente e isso o tem deixado cada dia mais triste. O amigo Max relembra o episódio do dia em que Fábio soltou um pombinho na sala de aula e a repercussão disso na vida estudantil dele. A seguir Max pergunta para Fábio se ele não pensa em namorar. Fábio responde negativamente afirmando que por hora não tem esse interesse. A seguir diz que quando tiver interesse irá procurar uma jovem que tenha as mesmas características físicas e mentais que ele tem e que seja “diferente” assim como ele. A seguir os amigos se despedem.

Na sequência a cena mostra Fábio novamente em seu quarto, deitado em sua cama a olhar para o ventilador de teto. Ao adormecer tem um sonho: encontra-se diante de um longo corredor escuro no qual várias velas iluminam as laterais do

local. Ao caminhar por este corredor sente os pés serem cortados por pequenos e muitos cacos de vidro espalhados pelo assoalho. Em seguida aparecem a sua frente todos os colegas de sala de aula. Estes ao se aproximarem começam a zombar dele, fazer-lhe muitas caretas e o agredi-lo fisicamente. Após ouve vários choros de pessoas vindos de todos os lugares, bem como barulhos de portas a se abrirem e fecharem. Fábio visualiza também as imagens passadas de seus pais brigando entre si por causa dele. Apenas seu bichinho de pelúcia o acompanha em seus sonhos como um ser não aterrorizante. Este bichinho que recebeu de presente de sua mãe quando ainda era pequeno o acompanha em todos os momentos de sua vida real e imaginária, triste ou alegre. Neste sonho, ele segura firmemente o bichinho de pelúcia entre o peito e o abraça forte. E chorando sai correndo deixando aquele corredor escuro iluminado apenas pelas velas, quando então desperta de seu sonho.

A outra cena se passa quando o dia amanhece. Fábio é mostrado sentado sozinho sobre as areias diante do mar em silêncio segurando firmemente seu bichinho de pelúcia. Seu olhar de tristeza ora paira sobre o mar ora fixa-o no céu. As únicas lembranças boas que povoam seu pensamento neste momento são de sua mãe sempre ao seu lado. A seguir ela aparece concretamente do seu lado e juntos deixam aquela praia e caminham por entre várias e grandes árvores. Depois eles param por alguns instantes e Fábio diz para a mãe que gostaria muito de morrer porque se sente sufocado por tudo e por todos e acusa até mesmo seus pais de oferecer-lhe um amor que ora aceita e ora rejeita sua condição de vida. Afirma ainda não se sentir amado particularmente pelo seu pai, pois tem a impressão que ele o olha como se fosse um inseto.

A próxima cena aponta para a irmã de Fábio: Paulinha está em seu quarto dormindo em sua cama na companhia de um rapaz. Sua mãe bate insistentemente para que ela abra a porta. Assustada a jovem acorda, levanta-se e se dirige ao rapaz pedindo-lhe que se esconda em baixo de sua cama e após abre a porta. Ao entrar encontra a filha aparentemente sozinha que volta a deitar-se. No chão a mãe percebe uma calça comprida masculina. Inicia-se então uma discussão entre ambas e no calor da discussão Paulinha aproveita para reforçar seu preconceito para com seu irmão caçula, detalhando todas as características físicas existente nele que a incomoda e a faz sentir vergonha de estar na companhia dele. Neste momento sua mãe começa a chorar e deixa seu quarto afirmando que desiste de educá-la, pois a considera um “caso pedido”.

Na continuação do filme a cena registra Paulinha, sua mãe e seu irmão Fábio dentro de uma loja de roupas. Neste ambiente os conflitos entre mãe e filha se evidenciam nos gostos pelas escolhas das roupas, bem como pela presença de Fábio entre elas. Os comportamentos preconceituosos das pessoas ao redor também contribuem para reforçar os conflitos entre mãe e filha. Paulina mais uma vez afirma para a mãe que não gosta de sair na companhia do irmão porque acaba sendo vítima de preconceitos assim como ele. A mãe por sua vez num acesso de ira começa

também por maltratar as pessoas ao redor e a família sai apressadamente da loja.

A cena seguinte evidencia a avó materna de Fábio chegando para visitar a família. Neste momento a mãe de Fábio começa a lamuriar-se do comportamento de seu marido, das brigas que tem com ele e do quanto é sofrido lidar com o próprio preconceito que possui e com os preconceitos dos outros para com seu filho. Depois aponta para o ursinho de pelúcia sobre a mesa afirmando ser este o melhor companheiro de seu filho.

Na sequência a cena retrata Fábio à noite conversando com um amigo em um lugar deserto e escuro. Fábio tira da mochila uma arma afirmando ser de seu pai e mostrando-a ao amigo tenta incentivá-lo a matá-lo. Diante da recusa do amigo, em outra cena Fábio aparece sentando a beira de uma construção, sozinho a chorar. O dia já havia amanhecido e neste momento suas lembranças giram torno das palavras da irmã Paulinha a dizer-lhe que é esquisito, que tem vergonha dele e que não deseja estar na companhia dele para não ser objeto de risos também.

Na próxima cena tem-se Paulinha e seus pais na sala de estar brigando pelo uso do controle remoto e pela preferência no assistir os canais da televisão. Enquanto isso no quarto Fábio e seu amigo Max olham as fotos que Fábio tirou, pois é seu passatempo predileto. Ao lado do computador encontra-se seu ursinho companheiro o qual é motivo de curiosidade de seu amigo Max. Fábio ao apresentá-lo ao amigo Max diz se chamar esquisitinho.

A cena que continua apresenta uma danceteria onde vários jovens se reúnem: ali alguns fumam, outros bebem, outros dançam e outros conversam. Neste momento chega Fábio e uma jovem começa a caçoar dele, quando outra o defende e a consequência é a troca de insultos mútuos naquele local. Fábio então na companhia da jovem que o defendeu do preconceito vão sentar-se em outro espaço dentro do barzinho quando aparecem outros jovens para conversar amistosamente com eles. Na saída da danceteria rumo a sua casa depara-se com brigas de seus pais a qual pode ser ouvida da rua. Fábio abre o portão, aproxima-se da porta de entrada e fica parado a ouvir os altos brados. O motivo da briga era ele próprio. A mãe acusava o pai de preconceito e tratamento indiferente para com o jovem. Fábio após ficar por alguns momentos em silêncio diante da porta, senta-se no chão e começa a chorar, relembando os momentos de afetos passados com eles e também as palavras ofensivas recebidas da parte de seus familiares.

A noite passou e Fábio adormeceu naquele lugar acordando somente na manhã seguinte. Após, entra em casa em silêncio e se dirige ao seu quarto, troca de camisa, pega seu ursinho e sai apressadamente. Na rua, carregando seu ursinho caminha em direção a um viaduto próximo de sua casa. Ao se deparar com um rio abaixo da ponte Fábio encontra-se de pé com olhar fixo para as águas lá embaixo. Primeiro joga seu bichinho de pelúcia no rio que corre, depois transpassa uma das pernas pela pequena mureta de segurança da ponte. Seus pais chegam neste momento, estacionam o carro ao seu lado e seu pai correndo grita “não!” Sua mãe fixa o olhar

dela no dele e em silêncio nada dizem apenas se entreolham. Neste momento Fábio desiste de pular da ponte. Seus pais se aproximam e o abraçam forte.

A cena seguinte está datada de 21 de março de 2011 são 16 h. Fábio encontra-se no palco diante de várias pessoas sentadas na plateia. Ele senta-se na cadeira reservada para ele no centro do palco. Tomando consigo o microfone Fábio fixa seu olhar a todos que ali se encontram. A única luz existente naquele ambiente focaliza apenas o centro do palco onde Fábio está sentado. Após levanta-se e começa a falar de sua experiência sobre sua recente e última tentativa de suicídio. Ele afirma que o grito de seu pai atravessou muitas décadas para chegar até ele. E acrescenta ainda que certo dia disse a sua mãe que gostava muito das pontes não importando o tipo ou tamanho, bastava ser ponte simplesmente porque conduz as pessoas de uma margem à outra, não importando se são de concreto, aço ou qualquer outro material resistente. E Fábio continua: “Pergunto às vezes porque não sinto falta do meu ursinho. Eu estava de um lado quase morto e de repente eu enxerguei a outra extremidade esperando. Desisti de saltar da ponte não pelo grito de meu pai, foi por causa do olhar de minha mãe. Jamais vi olhos tão sofridos naquele instante. Desisti de saltar, preferi viver. Como que por encanto, deixei de ser a desesperada mosca aprisionada e entendi ser importante para meus pais. Foi um súbito crescimento. Senti-me novo e ali no alto de minha liberdade decidi que iria viver. Estudei, formei-me em pedagogia e hoje eu dou aulas e faço palestras, falando de minhas experiências, narrando experiências de pessoas que como eu tiveram a desventura de nascer num planeta errado. Meu nome é Fábio e essa é a minha história.” Fábio levanta-se da cadeira e todos da plateia o aplaudem em pé. E encerra-se o filme.

2.3 Algumas considerações sobre a presente produção cinematográfica nacional

O filme “*City Down* a história de um diferente” se apresenta como uma produção cinematográfica nacional, digna de ser assistida por muitos pelo seu conteúdo extremamente impactante, de fundo repleto de valores humanos norteadores de um desenvolvimento livre de preconceitos e alicerçado na defesa dos direitos de cidadania.

Como se pode verificar pelas narrativas apresentadas, no enredo destaca-se uma família composta pelos pais, um casal de filhos adolescentes e posteriormente por uma criança que nasce normal, mas que no mundo down é justamente esta criança normal que se apresenta como a diferente.

O filme retrata uma história que acontece em tempo real em que 99% do elenco é formado por atores com síndrome de down. Somente um ator não tem deficiência, sendo este justamente o protagonista da produção cinematográfica em torno do qual os diversos acontecimentos se desenrolam.

Os ambientes cotidianos em que os personagens transitam também é down. O mundo que contextualiza todas as cenas é down. Isso torna o filme bastante

instigante, pois faz do down uma normalidade e do não down uma “deficiência”. Estas inversões de conceitos e papéis utilizadas neste trabalho artístico áudio visual leva o espectador a ver o mundo com os olhos de um down o que contribuiu para dissipar muitos preconceitos.

Portanto, a lente que orienta este filme visa colocar em relevo um enfoque que parte da visão que a pessoa com síndrome de *Down* tem (1) da sociedade, (2) das atividades cotidianas, e (3) dos sabores e dissabores corriqueiros presentes no interior das famílias brasileiras como (a) a luta pela sobrevivência, (b) o contraste de pensamentos entre gerações diferentes e (c) os problemas de adaptação. E, como se pode constatar pela narrativa apresentada, todas estas realidades são experimentadas pelo protagonista do filme e pelos demais membros de sua família quando transitam pelo ambiente familiar, educacional, social e de lazer.

Diante disso, ao se indagar: “O filme *City Down* a história de um diferente contribui para a percepção de que ambientes livres de preconceitos são capazes de promover o desenvolvimento humano da pessoa com deficiência?”, verifica-se que a resposta é afirmativa. E é afirmativa porque se entende que esta produção cinematográfica nacional possui potencial para explicar os aspectos inerentes ao desenvolvimento humano, considerado como um sistema aberto e por isso passível de recebimento de contribuições das diversas ciências e dos mais diversos ambientes que compõem a sociedade.

Retomando a indagação: “O filme *City Down* a história de um diferente contribui para a percepção de que ambientes livres de preconceitos são capazes de promover o desenvolvimento humano da pessoa com deficiência?”, confirma-se a resposta afirmativa também quando, por exemplo, o casal protagonista do filme se insere em vários contextos de desenvolvimento levando consigo o filho.

No momento em que o enredo cinematográfico leva o espectador a tomar contato com as evidências comportamentais bem como com reações das pessoas ao redor e dos profissionais que se aproximam dessa família – emoldurados por uma clara atitude de preconceito e de não facilitação da inclusão social – isso gera tanto no casal quanto no filho sentimentos de profundo mal-estar. Além disso, no filho instaura-se também um desejo grande de autodestruição acompanhado por tentativas de suicídio que somente não são efetivadas devido excesso de amor da parte de sua mãe.

2.4 Articulação do tema Pessoa com Síndrome de Down e o Desenvolvimento Humano

As argumentações a seguir foram conduzidas e redigidas de forma a articular o tema pessoa com síndrome de *Down* e o desenvolvimento humano com base nas reflexões construídas a partir da indagação: “O filme *City Down* a história de um diferente contribui para a percepção de que ambientes livres de preconceitos são capazes de promover o desenvolvimento humano da pessoa com deficiência?”

Pode-se considerar que o desenvolvimento humano se diversifica porque as

pessoas possuem características singulares, e isso as tornam únicas e propensas a caminhar conforme seu próprio compasso de desenvolvimento. A particularidade e a especificidade do ser humano fazem dele um fugitivo, por assim dizer, dos padrões pré-estabelecidos ao mesmo tempo em que promove a mudança, o progresso e o avanço (SALGADO; SANTOS, 2015).

Ao se apontar para a importância da inclusão e da aceitação da pessoa com síndrome de *Down* nos mais variados ambientes, torna-se obrigatório o entendimento de que é fundamental a mudança de uma mentalidade por vezes discriminatória pautada em uma visão associada a doença e por consequência alicerçada em uma possível crença na incapacidade da parte do indivíduo em interagir nos mais diversos ambientes. Esta necessidade de mudança de mentalidade fica explícita no filme “*City Down* a história de um diferente” quando apresenta, por exemplo, os atores realizando ações e estabelecendo processos inter-relacionais nos mais diversos locais e momentos da vida como verdadeiros sujeitos de suas próprias histórias.

A presença ou ausência do preconceito nos relacionamentos interpessoais se repercute diretamente em todas as demais dimensões existenciais. Quando o preconceito encontra-se presente nas relações estabelecidas – seja por motivos internos ou externos às pessoas envolvidas no relacionamento – isso pode ocasionar limitações ao processo de desenvolvimento humano da pessoa com síndrome de *Down*.

Por outro lado, a presença da acolhida, do comportamento respeitoso e da postura de inclusão facilita o estabelecimento de relacionamentos construtivos e positivos os quais ao longo dos anos de uma pessoa leva-a a desenvolver-se.

É importante reforçar – conforme já explicitado anteriormente – que a síndrome de *Down* não é doença, mas sim uma alteração genética, a qual pode ou não gerar problemas de saúde decorrentes. As pessoas com síndrome de *Down* devem ser vistas em sua singularidade, para que possam ter um pleno desenvolvimento humano enquanto sujeitos de sua própria história.

O desenvolvimento da pessoa humana leva em conta a busca de princípios que governam a maneira pela qual os processos de comportamento e desenvolvimento são favorecidos e modificados pelos diversos ambientes em que ocorrem, assim sendo são imprescindíveis concepções e estratégias mais integrativas. Ainda para o autor, os sistemas que alicerçam os conceitos da ciência do desenvolvimento necessitam abarcar as características gerais dos ambientes, assim como dos seres humanos e de seus respectivos comportamentos; sendo necessário considerar a interação entre a pessoa e a situação como afetos aos resultados comportamentais (BRONFENBRENNER, 2002).

O ato de empenhar-se no resgate do desenvolvimento humano da pessoa com síndrome de *Down* requer assumir a defesa de um tratamento igualitário, visando à inclusão social, bem como passar da conscientização para a ação. E nesta direção o comportamento assumido pelos atores do filme é bastante enfático.

A inclusão social, em outros termos, a convivência pautada no respeito de uma pessoa para com outra ou de um grupo para com outro, é condição *sine qua non* para que cada criatura humana possa se constituir como indivíduo, como sujeito de direitos e, assim, não vir a ser meramente comparado a objeto ou qualquer coisa. Reconhecer o valor de cada pessoa significa ir além de mera compreensão de que formalmente todos são iguais. E esse reconhecimento se configura como princípio da democracia social. O reconhecimento da pessoa humana no âmbito da valoração implica também agir na direção da mais ampla possibilidade de igualdade de oportunidades, com a consciência de que sua concretização ocorre mediante inserção da pessoa em situações específicas e historicamente determinadas (SALGADO; SANTOS, 2015).

Todo e qualquer indivíduo deve ser reconhecido legalmente como ser humano dotado de características históricas e genéricas, as quais fazem parte de um contexto em contínua transformação. Particularidades como o fato da existência de pessoas com deficiência não devem servir como motivo para exclusão social e consequente inserção em uma situação de vulnerabilidade.

A Constituição Federal de 1988 em seu Título II que trata dos Direitos e Garantias Fundamentais, especificamente no Capítulo I (Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos), em seu artigo 5º é muito clara em sua redação ao afirmar que: “Todas as pessoas são iguais diante da lei, sem diferenciação de qualquer natureza, garantindo-se tanto aos brasileiros quanto aos estrangeiros que moram no País o intocável direito à vida, à liberdade e à igualdade.” (BRASIL, 1988, s/p.). Com esta importante normatização, pode-se enfrentar os obstáculos que ainda por ventura estejam presentes nos mais diversos ambientes onde a pessoa com síndrome de down se encontra inserida. E para se garantir avanços definitivos na área dos direitos humanos, a Constituição, portanto se apresenta como uma aliada.

A defesa da garantia do amplo acesso aos direitos civis da pessoa com síndrome de down, possibilita que se promova a conscientização de todos que vivem em sociedade, fortalecendo uma convivência mais condizente com o desenvolvimento humano. Com isso, parte-se em busca da eliminação de discriminações e do combate a todo e quaisquer preconceitos.

O propósito de se atingir, com êxito, uma sociedade para todos assinala a importância de se criar espaços e relacionamentos abertos às novas oportunidades de desenvolvimento livre de todo e qualquer comportamento contrário à garantia dos direitos da pessoa humana. E nesse sentido, tem-se também a Organização das Nações Unidas (ONU) a qual instituiu em 1981 o Ano Internacional da Pessoa com Deficiência com o lema *Participação e Igualdades Plenas*. A importância da inclusão social é amplamente defendida no citado documento da ONU que também combate veementemente a discriminação conceituada como: diferenciação, exclusão ou restrição baseada em alguma deficiência, antecedente de deficiência, consequência de deficiência anterior ou percepção de deficiência presente ou passada, que tenha o efeito ou propósito de impedir ou anular o reconhecimento, gozo ou exercício, por

parte das pessoas com deficiência, de seus direitos humanos e suas liberdades fundamentais (ONU, 1981).

De forma a adensar a pertinência do debate sobre o assunto convém reforçar também que no âmbito do Sistema Interamericano de Direitos Humanos existe o que se denomina de Convenção Interamericana para a eliminação de todas as formas de discriminação contra as pessoas com deficiência. Esta Convenção foi adotada em 1999 na Guatemala tendo sido vigorada no ano de 2001 e neste mesmo ano o Brasil assinou e ratificou tal Convenção (FACHIN, 2019).

Esta Convenção contempla 14 artigos e nela fica estabelecido que as pessoas com deficiência possui os mesmos direitos humanos e as mesmas liberdades que as demais pessoas possuem. A Convenção reforça também que todos esses direitos, incluindo também o direito de não ser submetida à qualquer tipo de discriminação baseada na deficiência, advém da dignidade e da igualdade que são intrínsecas a toda a humanidade (FACHIN, 2019).

No artigo 1º da Convenção o termo deficiência é entendido como: “[...] uma restrição física, mental ou sensorial, de natureza permanente ou transitória, que limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária, causada ou agravada pelo ambiente econômico e social.” (FACHIN, 2019, p. 143).

É interessante também corroborar que a própria Convenção apregoa que as ações afirmativas em prol das pessoas protegidas por ela não representam discriminação ou preferência, sendo portanto justas e corretas (FACHIN, 2019).

Tendo como referência todo esse arcabouço normativo nacional e internacional, defende-se portanto que a integração da pessoa com síndrome de down em todos os contextos de desenvolvimento como na família, na escola, no trabalho, na comunidade e na sociedade deve ser assegurada plenamente (BRASIL, 1988; FACHIN, 2019; ONU, 1981).

E reforçando que nestes ambientes não se configura como ato discriminatório a diferenciação ou preferência adotada para melhor promover sua integração social ou seu desenvolvimento humano (BRASIL, 1988; FACHIN, 2019; ONU, 1981). Isso, desde que tais diferenciações ou preferências não limitem, em si mesmas, o direito à igualdade que essas pessoas possuem; e que as pessoas com síndrome de down ou com qualquer outra deficiência não sejam obrigadas a aceitar tal diferenciação ou preferência (SIMÕES, 2010).

As diretrizes compreendidas como linhas mestras das ações em prol das pessoas com síndrome de down devem ter como objetivo a adaptação ou readaptação destas pessoas em todos os ambientes que irão favorecer seu desenvolvimento humano. E a busca constante deste objetivo irá permitir que estas pessoas consigam se inserir, se manter, bem como progredir nestes ambientes, propiciando assim sua inserção ou reinserção social (BRASIL, 1988; FACHIN, 2019; ONU, 1981; SALGADO; SANTOS, 2015; SIMÕES, 2010).

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O filme *City Down* a história de um diferente contribui para a percepção de que ambientes livres de preconceitos são capazes de promover o desenvolvimento humano da pessoa com deficiência?” Como palavras conclusivas e retomando a indagação citada, a qual norteou a apresentação deste material empírico, considera-se que a análise do filme possibilitou uma articulação reflexiva entre a realidade do desenvolvimento humano da pessoa com síndrome de *Down* com sua inserção nos mais diversos ambientes.

Por conseguinte, verificou-se no filme que as relações estabelecidas dentro e fora do ambiente familiar foram mais inclusivas e promotoras de desenvolvimento humano quanto menor o grau de preconceito existente nos ambientes transitados pelos atores do filme.

Como se sabe o desenvolvimento humano da pessoa com síndrome de *Down*, assim como de qualquer outra pessoa, ocorre no contexto individual, familiar, profissional, comunitário e social e o referido filme evidencia bem isso ao retratar o tempo todo as relações que se estabelecem entre os personagens nestes ambientes.

Os processos de desenvolvimento humano da pessoa com síndrome de *Down* estarão tanto mais próximos da efetivação dos direitos de cidadania quanto mais sua inclusão e aceitação na sociedade forem garantidas e defendidas. Por isso, considera-se relevante trazer luz e ampliar a compreensão da importância de se trabalhar pela inclusão, pela aceitação, pelo respeito e pela busca do desenvolvimento humano da pessoa com síndrome de *Down*, bem como de todas as pessoas com qualquer que seja a deficiência em todos os ambientes onde estiver presente seja na família, na escola, no trabalho, na comunidade e na sociedade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: [s.n.]. 1988.

BRONFENBRENNER, U. **A Ecologia do Desenvolvimento Humano**: experimentos naturais e planejados. 2ª reimpressão. Porto Alegre: Artmed; 2002.

CASTRO A.S.A.; PIMENTEL S.C. Síndrome de Down: desafios e perspectivas na inclusão escolar. In: DÍAZ, F. et al. (Orgs.). **Educação inclusiva e contexto social**: questões contemporâneas. Salvador: EDUFBA; 2009. p. 303-312. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 20 maio 2019.

COMIN, B.C.; COSTA, M.P.R. Síndrome de Down: análise dos artigos sobre leitura, escrita e alfabetização de 2001 a 2011. **Revista Eletrônica de Educação**, 6(12):321-339, 2012.

FACHIN, M.G (Org.). **Guia de Proteção dos Direitos Humanos**: sistemas internacionais e sistema constitucional. 1ª ed. Curitiba: Intersaberes, 2019.

MARTINELLI, M. L. O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em Serviço Social. In: _____. (Org.). **Pesquisa Qualitativa**: um instigante desafio. São Paulo: Veras, 2003.p. 19-29.

MINAYO, M.C.S. et al. Métodos, Técnicas e relações em triangulação. In: _____ (Orgs.). **Avaliação por triangulação de métodos**: Abordagem de Programas Sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2010. p. 71-103.

MOREIRA, L.M.A. et al. A Síndrome de Down e sua patogênese: considerações sobre o determinismo genético. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 22(2):96-99, 2000.

MORESI, E. (Org.). **Metodologia da Pesquisa**. 2003. 108 f. Trabalho Científico (Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação) Universidade Católica de Brasília, 2003.

ONU. Organização das Nações Unidas. Ano Internacional da Pessoa Portadora de Deficiência. **Participação e Igualdade plenas**. [Documento]. 1981.

SALGADO E.C.V.C.; SANTOS R.A. Desenvolvimento humano, arte-educação: as contribuições do teatro no desenvolvimento e inclusão social de pessoas com deficiência. In: BRISOLA, E.M.A.; ROCHA, R. (Org.). **A construção da interdisciplinaridade no Mestrado em Desenvolvimento Humano**: O diálogo entre saberes, práticas e contextos. Taubaté: EDUNITAU; 2015. p. 158-183.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: <<http://www.psarq.ufsc.br/download/metpesq.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2019.

SIMÕES, C. **Curso de Direito do Serviço Social**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do Discurso 1, 31, 40, 41, 44, 54, 69, 78, 295, 296, 297, 304, 305

Argumentação 90, 91, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 109, 112, 152

Arte 16, 17, 18, 19, 21, 22, 29, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 121, 122, 166, 172, 174, 177, 179, 180, 181, 182, 185, 206, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 267, 268, 269, 280, 282, 284, 285, 324, 326, 328, 330, 331, 333, 334, 335, 336, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 353, 355, 356, 357, 358, 361, 362, 363

Arte Contemporânea 56, 57, 58, 59, 62, 65, 333

Artes Integradas 174, 176, 177, 178, 184

Artes Visuais 16, 18, 56, 58, 59, 66, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 183, 185, 264, 269, 270, 277, 278, 345, 346

Artigo de Opinião 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 101

B

Base Nacional Comum Curricular 67, 69, 71, 73, 75, 78, 104, 108, 110, 114

Base Nacional Comum Curricular (BNCC) 67, 69, 108

C

Ciberespaço 40, 41, 46, 49, 51, 52, 217, 221, 223, 224, 225, 226, 227, 231, 232

Ciência Linguística 1, 2, 6, 7, 8, 9, 12, 13

Cultura 21, 24, 32, 35, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 69, 74, 75, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 107, 116, 118, 121, 122, 123, 126, 131, 133, 137, 142, 149, 162, 165, 166, 167, 168, 169, 185, 189, 192, 212, 213, 218, 219, 221, 224, 255, 258, 262, 264, 272, 274, 275, 277, 284, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 308, 332, 335, 336, 337, 356

D

Danças Regionais 162, 166, 167, 169, 170, 171, 172

Diretrizes Curriculares 19, 29, 79, 80, 89

Discurso 1, 2, 11, 12, 13, 14, 31, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 78, 90, 101, 123, 159, 191, 198, 217, 220, 221, 222, 223, 233, 234, 235, 236, 241, 242, 243, 244, 295, 296, 297, 299, 300, 302, 304, 305

E

Educação Bilíngue 31, 34, 35

Educação Inclusiva 31, 32, 34, 36, 37, 38, 323

Educação Musical 15, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 174, 184, 270, 273, 276, 280, 282, 283, 284

Ensino de arte 56, 57, 62, 105, 107, 114, 258, 346, 348

F

Formação de professores 15, 16, 20, 29, 78, 79, 107, 215, 216, 218

Formação docente 87, 109, 219, 221

G

Guia didático 40, 41, 42, 46, 47, 54

H

Hipertexto 217, 225, 226, 228, 232

I

Inclusão Social 31, 224, 261, 283, 308, 319, 320, 321, 324

Indígena 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 117, 271, 277

Interdisciplinaridade 80, 81, 86, 264, 270, 277, 283, 324

L

Linguagem 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 18, 19, 20, 33, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 52, 66, 68, 69, 76, 77, 83, 84, 89, 105, 107, 109, 111, 124, 129, 136, 150, 151, 152, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 172, 179, 189, 200, 207, 214, 215, 216, 217, 218, 224, 226, 227, 234, 235, 236, 263, 264, 270, 280, 287, 291, 308, 340, 346, 349, 355, 357, 358

M

Materiais alternativos 268, 270, 276, 277, 283

Música 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 132, 138, 139, 145, 146, 147, 148, 162, 166, 168, 171, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 197, 260, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 292, 293, 294, 311, 326, 327, 332, 356, 360, 361, 362, 363

N

Naturalismo 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13

Novas tecnologias 40, 46, 163, 174, 177, 178, 184, 185, 228, 260, 261, 268, 269

O

Orientação sexual 67, 68, 69, 75

P

Pedagogia 16, 18, 19, 20, 35, 70, 78, 79, 80, 83, 85, 86, 88, 89, 136, 219, 222, 293, 318

Pedagogo 15, 16

Poesia 84, 163, 225, 256, 353

Professor 15, 16, 19, 20, 26, 27, 28, 30, 33, 70, 88, 92, 95, 102, 106, 107, 112, 120, 132, 133, 159, 202, 219, 221, 222, 223, 224, 258, 260, 262, 263, 267, 277, 280, 282, 284, 353, 355, 357, 358

Professor pedagogo 15

S

Subjetividade 38, 40, 45, 52, 53, 176, 198, 206, 296

T

Teoria social do discurso 67, 68, 69

 **Atena**
Editora

2 0 2 0